

Resenha de LAFON, Michel; PEETERS, Benoît. *Escribir en colaboración. Historias de dúos de escritores*. [Tradução ao espanhol de César Aira] Rosario: Beatriz Viterbo, 2008, 318pp.

Sobre a escrita em colaboração

letrônica

Rosario Lázaro Igoa¹

No pouco explorado território da escrita em colaboração, o duo de autores formado por Michel Lafon e Benoît Peeters demonstra a partir da autoria compartilhada em *Escribir en colaboración. Historias de dúos de escritores*² que a atenção e a análise deste tipo tão peculiar de escrita serão completas e fundamentadas na realização e na “feitura” do estudo em si. Confirmando ainda mais a funcionalidade dos duos ao longo de toda a obra *Escribir en colaboración...*, podemos citar que um dos autores, Charles Lafon, é escritor e professor de Literatura Argentina na Universidade de Grenoble, e apresentou a obra na FERIA do Livro Argentina de 2009 junto com César Aira, tradutor do francês ao espanhol da mesma. Uma curiosidade é que o mesmo Lafon tem sido o tradutor ao francês de uma boa parte da obra do Aira escritor, ou seja, colaborações e mais colaborações de uma extensa série.

E o par de Lafon no livro *Escribir en colaboración...* é Benoît Peeters, escritor, diretor de cinema e roteirista de historietas, profissões que são evidentes na escolha de alguns dos duos literários sob análise. Os créditos editoriais são para Beatriz Viterbo Editora, selo especializado em literatura e crítica argentina e latino-americana, que publica um livro de boa qualidade, com eloquente imagem de capa de Daniel García, artista que realiza a arte da

¹ Aluna do Mestrado da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC. Bolsista REUNI. Possui graduação em Comunicação, e Pos-graduação em Tradução Literária na UDELAR, Uruguai. Pesquisa sobre tradução de poesia e colaborações de tradução.

² Agradeço ao Prof. Dr. Walter Costa a leitura atenta e os comentários sobre a resenha.

maioria das publicações da editora desde o seu início. Porém, mesmo com o cuidado editorial mencionado, as capas do livro poderiam ser mais resistentes, e não com o material débil com que são produzidas.

Lafon y Peeters estabelecem que: “El fenómeno de la escritura a varias manos sigue fundamentalmente incomprendido” e vão, desta forma, elaborando um complexo estudo que durou aproximadamente quinze anos contra a ignorância e o descrédito deste tipo de escrita. Várias perguntas muito provocativas ilustram a contracapa - algumas talvez um pouco simplistas-, e antecipam os capítulos: “¿Sabían que las más famosas novelas de Alexandre Dumas primero fueron escritas por Auguste Maquet?; ¿Qué el marxismo es una invención de Friedrich Engels?”, e assim sucessivamente. O que vai elaborando-se ao longo da obra, composta por biografias de dezessete colaborações entre duos de escritores, são as características particulares de experiências de escrita a quatro mãos, com diferentes tipos de colaborações e finais muito dissímeis. Os duos escolhidos são de todo tipo: estão os de longa data e os efêmeros, os aprazíveis e os turbulentos, sendo que o índice geral da obra antecipa os seguintes: 1. Los hermanos Goncourt / 2. Dumas y Maquet / 3. Marx y Engels / 4. Flaubert y Du Camp / 5. Labiche + X / 6. Verne y Hetzel / 7. Erckmann-Chatrion / 8. Freud / 9. Willy y Colette / 10. Breton y Soupault / 11. Prévert y Carné / 12. Bioy Casares y Borges / 13. Hergé & Cía. / 14. Boileau-Narcejac / 15. Gary y Ajar / 16. Dunlop y Cortázar / 17. Deleuze y Guattari... /; além do ultimo capítulo, obra dos autores, intitulado: “Nous est un autre”.

Deve-se notar que alguns capítulos se estendem consideravelmente mais que outros, o que determina que não seja uniforme a informação recolhida sobre cada caso concreto de escrita em colaboração. Por exemplo, o segundo capítulo da obra, dedicado ao duo de Alexandre Dumas e Auguste Maquet é muito mais minucioso e detalhista que aqueles dedicados a Gustave Flaubert e Maxime du Camp, ou a Romain Gary e Émile Ajar. É claro que somado a isso encontramos maior riqueza conceitual em alguns exemplos que em outros. À medida que se avança na leitura, vemos a maior espessura simbólica daquela escrita por completo em colaboração, como a que representa o duo dos irmãos Edmon e Jules Goncourt e a sua simbiose e intimidade mais absolutas; o trabalho engenhoso de colaboração de Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges na invenção do imaginário Honorio Santos Domecq; a experimentação radical da escrita automática entre André Breton e Philippe Soupault; ou

aquela de caráter mais acadêmico, mas não menos interessante em nível criativo, como aquela do duo formado pelos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

É importante destacar que os duos analisados foram escolhidos dentro do cânone francês, e como poucas exceções ao que parece ser uma regra bastante geral, encontramos os duos de Bioy e Borges, de Carol Dunlop e Julio Cortázar, de Karl Marx e Friedrich Engels; e de Sigmund Freud com os seus respectivos colaboradores de turno. Da mesma forma, as mulheres escritoras brilham pela sua quase ausência e estão somente representadas por Colette, esposa de Willy (pseudônimo de Henry Gauthier-Villars), a quem dedicam algumas considerações de enfoque feminista; e por Carol Dunlop, última esposa de Cortázar com quem o escritor empreende uma delirante viagem entre Paris e Marselha, da qual nasce a obra *Los Autonautas de la cosmopista*.

A minuciosa sistematicidade e rigurosidade são signo da obra, mas as mesmas não atentam contra o ritmo do texto, que permanece ágil em todos os capítulos. Narratividade e teoria se sucedem sem maiores interferências, e a voz escolhida, impessoal, contribui para atestar a autoria dupla. Lafon e Peeters se nutrem de cartas, manuscritos, imprensa, obra crítica e, quando existirem, detalhes das sucessivas edições das obras escritas pelo duo; e a ordem cronológica para a estruturação dos capítulos parece ser uma consequência natural do anterior. As citações no fim da obra, e não em cada capítulo, dificultam a referência enquanto se avança na leitura, não sendo a opção mais prática.

Uma estrutura bastante estável se percebe como padrão para todos os capítulos. Primeiro os autores introduzem a situação histórica do duo de escritores, com certo privilégio àquele mais conhecido entre os dois. Continuando, encontramos uma cronologia da colaboração entre ambos, nutrida na maioria dos capítulos pelo intercâmbio epistolar. Talvez um dos pontos mais interessantes que se apresentam é a análise da recepção crítica da obra conjunta, problematizando até que ponto o duo foi reconhecido – e laureado - como tal, ou se, pelo contrário, foi só a um dos escritores que se lhe adjudicaram os méritos compartilhados. Os autores realizam um estudo da crítica particularmente detalhado, e da sua impossibilidade de fazer justiça com este tipo de escrita. Finalizando, Lafon e Peeters aventuram classificações das diferentes classes de colaboração e relacionam os duos escolhidos no livro entre si,

indicando algumas considerações teóricas quando acham necessário. Fechando, ilustrações no final de cada análise culminam em um arredondamento de cada capítulo.

De alguma forma, a análise da escrita em colaboração sugere os complexos mecanismos criativos de cada autor, o ego muito comum de um dos integrantes do duo, e permite conhecer um pouco da obscura simbiose dos autores que desafiam a singularidade autoral e se dedicam a este tipo de modalidade criativa. Lafon e Peeters realizam nesta obra uma biografia das colaborações, indicando que um estudo mais detalhado dos próprios mecanismos da escrita em colaboração será o tema do próximo trabalho que realizarão. Ou seja, nesta obra se enfatiza o percurso dos duos, e o estudo sistemático sobre a colaboração fica proposto para uma segunda obra. Porém, os autores estabelecem algumas hipóteses preliminares, como aquela que indica que o duo permite tratar temas alheios às obras individuais dos autores, ou que a funcionalidade da escrita em colaboração era tão importante, que extinguido o duo, o gênio se apaga. Assim, na ficção que fecha a obra - capítulo denominado “Nous est un autre” - se sintetizam com humor e ironia as grandes interrogantes e os eixos iniludíveis que surgiram durante o estudo dos dezessete duos.

Recebido em: 25/10/2010

Aceito em: 13/04/2011

Contato: rosilazaro@gmail.com